**O grito das garotas: resenha ou autoetnografia?[[1]](#footnote-1)**

Fernanda Gomes Rodrigues (MCTI[[2]](#footnote-2))

**Palavras-chave:** Representação. Juventude. Identidade.

**Introdução**

Após muitos anos afastada da atividade acadêmica e de pesquisa na minha área de formação, me perguntei se ainda poderia me considerar antropóloga. O que “faz” uma antropóloga me parece ser, para além da formação, a atividade de pesquisa e análise antropológica. Não me dedico a essas atividades no meu cotidiano de trabalho, ao menos não nos moldes da minha formação e experiência anterior à minha filiação às fileiras da burocracia estatal.

No cotidiano muitas vezes me valho da minha formação para realizar meu trabalho, porém em moldes e com focos bem diversos aos da minha “vida passada” como antropóloga.

Seguindo nessa linha de autorreflexão, há algum tempo resolvi reler alguns trabalhos passados. Li a dissertação de mestrado. Percebi uma quantidade de falhas, mas também muitas qualidades. A partir desse movimento, quando surgiu a oportunidade, resolvi escrever e inscrever a presente resenha.

À guisa de justificativa, me parece que “O grito das garotas” ainda tem alguma relevância. Me apoio nas estatísticas do repositório de teses da Unb para emitir esse julgamento e desfazer algo do constrangimento que me vem fazê-lo.

Os acessos não são numerosos, mas ainda seguem acontecendo 16 anos depois do registro no repositório. 22 acessos em maio de 2022. Um total de 54 acessos até o dia 21 de agosto.

Esse fato me animou a inscrever uma resenha no GT 74: Ritmos da Identidade: Música, Juventude e Identidade, mesmo me parecendo um tanto datado.

 **Um pouco (mais) sobre mim e o “Grito”**

Cursei, Graduação e mestrado em antropologia na UnB. No segundo ano de mestrado, comecei a trabalhar no, à época, MCT. Fato que acrescentou um bom tanto de dificuldade à pesquisa e escrita da dissertação.

“O grito das garotas” é uma dissertação de mestrado, escrita no PPGAS-UnB, em 2006.

Composta por 5 capítulos e conclusão. Dissertação curta, com 65 páginas. Na versão física, trazia CD e zines anexos.

A introdução, que é o capítulo 1, traz uma narrativa da origem, das primeiras inquietações à pesquisa de campo e escrita. Algumas pontuações teórico-metodológicas e brevíssima descrição dos capítulos subsequentes.

No capítulo 2, apresento o Riot Grrrl como movimento social no sentido de Alvarez, Dagnino e Escobar. Um movimento social que atacava “crenças estéticas sagradas, conforme incorporadas em convenções particulares, terminando por atacar “um arranjo existente de status ordenados”, um sistema de estratificação.

Busquei fazer uma breve contextualização sobre “cultura juvenil”, a partir dos trabalhos disponíveis à época, assim como uma revisão dos mesmos.

Um desses trabalhos, uma coletânea de ensaios intitulada *Resistance Through Rituals,* apresentou as subculturas como meios para “negociar espaços e sentidos no campo da luta cultural, entendida como uma luta pela manutenção/conquista da hegemonia entre classes dominantes e subordinadas”, como “formas de negociação e resistência à cultura dominante” (2002, pag. 37). A respeito dessa caracterização fiz ressalvas aos termos “subcultura” e “internacional”.

Sobre a invisibilização da presença e contribuições das garotas, me apoiei em várias autoras que pensaram a questão da ausência de registro da participação das mulheres na vida social, e mais especificamente, a invisibilização de garotas nas culturas juvenis, com Angela McRobbie e Jenny Garber.

Em diálogo com as experiências das garotas que entrevistei, discuti motivações, percepções e desafios. Ao final do capítulo apontei a importância do levante mundial na discussão das identidades de gênero essencialistas e na indicação da amplitude de possibilidades ao propor a superação dessas identidades/amarras. Citando Donna Haraway, “as coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação” (2000: 41-42).

No capítulo 3, faço uma breve caracterização dos shows à luz da análise de rituais de Tambiah (TAMBIAH, 1985). Sob a proposta de ritual enquanto um “sistema de comunicação simbólica culturalmente construído (TAMBIAH: 128), considerei que a performance no palco, a escrita no zine, a participação nas atividades de coletivos feministas; toda a ação das garotas, se relaciona com a produção dessa nova posição no mundo.

Também no capítulo 3, tratei do estilo, entendido como construção alegórica da própria imagem, e da mesma forma que Abramo (1994) e Hebdige (1979), reportei-me ao *bricolage* de Lévi-Strauss. Apresentei o processo de *defusion* como um dos determinantes nas transformações no estilo das garotas.

Em seguida, apresentei trechos de letras e zines, defendendo, grosso modo, a ideia da performance enquanto discurso. A partir da análise dos discursos, tento compreender o *ethos* do movimento.

Defendi que o *Riot grrrl* conseguiu com sua estratégia anárquica atrair uma parcela do contingente feminino que simplesmente não se interessaria pelo movimento feminista por não se reconhecer nele e por opinar que o feminismo tem uma retórica ultrapassada e muitas vezes castradora (KARLYN, 2003).

Voltei à análise de rituais, dessa vez com Leach, para tratar as minhas experiências de campo, nos shows. Ao final do capítulo, registro uma pequena mudança na composição e participação do público nos shows.

No capítulo 4, tratei da relação entre discurso, representação e identidade. Recorri a Fiorin, Goffman e Votre, entre outros, na tentativa de definir o que seria a “atitude”, um tema recorrente durante a pesquisa.

No capítulo 5, Catroga e Ortner e Pollak, entre outros, me auxiliaram a caracterizar o Riot grrrl como percurso e projeto.

Na conclusão alguns registros do impacto do trabalho sobre mim e sobre o meu lugar na narrativa.

**Impressões sobre ler-se**

A escrita tem um certo ritmo e, porque não dizer, identidade. A apresentação tem um estilo bastante particular.

A dissertação, porém, perdeu seu caráter de novidade com o passar dos anos e com o surgimento de diversas outras sobre o tema.

O número de bandas entrevistadas é pequeno, bem como o número de shows (4), portanto não apresenta uma descrição abrangente e aprofundada do ideário do grupo, deixando de tratar de diversas questões caras ao movimento.

Por outro lado, foi um trabalho pioneiro, considerando a inexistência de referências sobre o Riot no Brasil à época da pesquisa, e os poucos trabalhos sobre jovens, música e identidade, no campo das ciências sócias.

Aqui retomo as considerações do início, pensando nas demandas pessoais que me trouxeram até aqui.

A escrita dessa resenha sobre meu próprio trabalho, de início me pareceu uma ideia um tanto esdrúxula, razão pela qual fui buscar validação (ainda que pífia) nas estatísticas. Ao iniciar a releitura para escrever a resenha, rememorei o que representou para mim a pesquisa e a escrita do “Grito”.

Também me ocorreu que, historicamente, estávamos nos primeiros anos do que têm sido chamado de quarta onda feminista, o que me deu um certo orgulho.

Por fim, a demanda de pertencimento, de auto validação e de reconhecimento ainda fazem parte da minha identidade; acredito que sejam imperativos humanos. Seguimos.

**BIBLIOGRAFIA**

ABRAMO, Helena W.

1994 Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, ANPOCS.

CAIAFA, Janice.

1985 Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CATROGA, Fernando.

2001 Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: UFRGS. p. 43-69.

FIORIN, José L.

1997 Linguagem e ideologia. São Paulo: Ática.

GOFFMAN, Erving.

1999 A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis, RJ: Vozes.

HALBWACHS, Maurice.

1990 A memória coletiva. São Paulo: Vértice.

HEBDIGE, Dick.

1979 Subcultures: the meaning of style. London: Methuen.

KARLYN, Kathleen R.

2003 Scream, popular culture and feminism’s third wave: “I’m not my mother”. *Genders*, n. 38. Disponível em: <http://www.genders.org/g38/g38\_rowe\_karlyn.html>. Acesso em: 13 out. 2006.

LEACH, Edmund R.

1988-1989 Masquerade: the presentation of the self In holi-day life. *Cambridge Anthropology*,v. 13, n. 3, p. 47-69.

2000 *The essential Edmund Leach*. Edition: Stephen Hugh-Jones, James Laidlaw. New Haven: Yale University.

MAFFESOLI, Michel.

2000 O tempo das tribos. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

McROBBIE, Angela; GARBER, Jenny.

2002 Girls and subcultures.In: JEFFERSON, Tony; HALL, Stuart (Ed.). *Resistance through rituals*: youth subcultures in post-war Britain. London: Routledge.

ORTNER, Sherry B.

2006 Power and projects: reflections on agency. Texto apresentado no Workshop Reflexões Avançadas em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva, Goiás, 2006.

POLLAK, Michael.

1989 Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15.

1992 Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212.

RIOT grrrl retrospective.

Disponível em: <http://www.emplive.org/exhibits/index.asp?articleID=667>. Acesso em: 22 ago. 2006.

2006 RODRIGUES, Fernanda Gomes. O grito das garotas. 2006. 76 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília.

TAMBIAH, Stanley J.

1985 *Culture, thought and social action*: an anthropological perspective. Cambridge, USA: Harvard University.

VOTRE, Sebastião Josué.

2002 Linguagem, identidade, representação e imaginação. In: FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (Org.). *Linguagem, identidade e memória social*: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DPA, FAPERJ, UNIRIO. p. 89-105.

WOODWARD, Kathrin.

2000 Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes.

WULFF, Helena.

1995 Introducing youth culture in its own right: the state of art and new possibilities. In: AMIT-TALAI, Vered; WULFF, Helena (Org.). *Youth cultures*: a cross cultural perspective. London: Routledge. p. 1-18.

1. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022 [↑](#footnote-ref-1)
2. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. [↑](#footnote-ref-2)